SUPLEMENTO LITERÁRIO

JORNAL DE NOTÍCIAS * 14 — MAIO — 1959

287

LITERATURA E TEATRO

«Sonho duma noite de S. João» e a jovem Companhia «The Oxford Playhouse», cuja vinda a Portugal se anuncia para breve

Nestes tempos, em que a peça de Shakespeare «Sonho duma Noite de S. João» é apresentada tantas vezes no teatro, os directores são tentados a fazer toda a espécie de experiências, boas e más, a fim de procurar novas formas de apresentação duma fantasia que não carece delas.

É que não se pode ser caprichoso com esta peça e partir do princípio de que se torna necessário fazer algo de original, cada vez que ela é levada em cena. É melhor apresentá-la o mais simplesmente possível, pois que os seus versos podem evocar sem qualquer auxílio estranho, a noite e a madrugada, o meio-dia e a escuridão.

A única cena em que podemos pretender qualquer alteração é o «Interlúdio» cómico de Pyramus e Thisby, desempenhado por Mecânicos, que Shakespeare pretende fazer-nos acreditar que são os trabalhadores de Atenas, não obstante provirem directamente de Warwickshire. Quase todos os versos do «Interlúdio», tal como foi desempenhado perante o Duque, podem ser lidos de mais de seis maneiras diferentes e têm que suportar todas estas interpretações. É já quase uma questão de honra para os directores procurar tirar a máxima originalidade desses 20 minutos de Interlúdio e torna-se surpreendente verificar como se têm conseguido variar de espectáculo para espectáculo.

Até mesmo o «Crazy Gang» — o mais alto e o mais amigável grupo de cómicos britânicos de vaudeville — procurou representar esta cena. Fê-lo numa revista, mas sem êxito, simplesmente porque os actores tinham a consciência de que estavam a ser cómicos. A graça está no facto de que esta companhia de amadores, dirigida com tanta tenacidade por Peter Quince, tentou o melhor possível para lhe dar uma interpretação a mais séria possível...

Frank Hauser da novel companhia «Oxford Playhouse», é o mais recente director britânico a esconjurar o luar mágico. A sua produção do «Sonho duma Noite de S. João» é apresentada pela companhia que acrescentou novos louros ao Teatro Playhouse de Oxford.

Caso curioso: os seus primeiros espectáculos realizaram-se no Arts Theatre de Cambridge.

Como era de esperar, Mr. Hauser tem dedicado muito mais atenção à poesia do que certos outros directores, no passado. De facto, a poesia tem sido demasiadas vezes sacrificada. Agora, numa reposição que é sensatamente directa e não dá demasiada ênfase aos Românticos, aos Imortais e aos Mecânicos — os versos poéticos podem falar por si com um efeito emocionante.

Harold Lang e Ruth Meyers fazem o papel de Oberon e Titania, respectivamente. Ruth Meyers sobressai em especial na declamação da longa narrativa «Isto são simulações do ciúme». Os amantes, quer exprimindo a sua verdadeira personalidade, quer reflectindo os entusiasmos ultra-românticos do bosque encantado, desempenham os seus papéis com um zelo fora do vulgar; e Bottom, o principal mecânico, desempenhado por Joss Ackland, prima-se em se mostrar que o homem é um poeta natural e um tecelão histriónico.

O falecido John Bailey, no seu estudo da peça escreveu que «não duvidara um só momento que estavamos num alegre mais poético e encantado da noite de S. João e que por isso tudo acabará bem». A direcção de Hauser torna isto manifesto. Durante os dois últimos anos, como director de produção, Hauser deu novo sentido ao teatro de reportório de Oxford. No passado, têm-se despendido muitos esforços para o estabelecimento dum teatro de reportório em Oxford, mas nenhuns foram mais bem sucedidos do que das duas últimas temporadas, que conseguiram fazer sair o Teatro Playhouse da rotina, atraindo grande número de visitantes de Londres, expressamente para uma série de estreias.

Graças a Mr. Hauser, Oxford conseguiu levar à cena um número invulgar de novas peças e de peças não vistas ainda em Inglaterra. Nem sequer hesitou em remontar a peça «Lysistrata», de Aristófanes, numa nova versão de Dudley Fitts, dirigida por Minos Volanakis, que foi depois transferida para dois teatros de Londres. Na primeira temporada de Hauser em Oxford (1956-57), a «Playhouse» apresentou peças como a «Electra», de Giraudoux, que é um estudo do fanatismo dentro dos moldes da tragédia clássica, «Os Numerados», de Elias Canetti com a sua estranha absorção matemática, «O Crítico e o Coração», de Robert Bolt, que havia de ser consagrado em Londres com a sua peça «Cerejeira Florida» e a versão de Warren Tute da suave fantasia medieval de Andre Obey, «Geada à Meia-Noite» (Plus de Miracles pour Noel), que foi representada pela Playhouse pela primeira vez em qualquer palco do mundo.

Seguidamente a «Playhouse» apresentou «Jantar com a Família» que é a versão de Edward O. Marsh da peça de Anouilh, «Le Rendez-Vous de Senlis», com um dos melhores primeiros actos do dramaturgo. Esta peça foi também transferida para Londres, cujo grande êxito obtido aguentou a segunda temporada da «Playhouse», com os seus inseparáveis altos e baixos financeiros, aliás próprios dum programa tão experimental. Citem-se as peças que apresentou, para avaliarmos do seu arrojo: a estreia inglesa da peça de Ugo Betti, «Crime na Ilha do Bode»; a primeira apresentação da estranha interpretação de Peter Ustinov, da Guerra de Troia, intitulada «Páris não tão alegre»; uma versão de «Une Grand Fille Toute Simple», de Roussin, com o título de «Querida»; e «O Hamlet de Stepney Green», de Bernard Kops, jovem dramaturgo de Londres, de quem muito há a esperar.

Cada peça, geralmente fica no cartaz durante duas semanas. Os preços são baratos. A assistência é incalculável ,de momento Para avaliar e estudar o gosto duma cidade universitária, Hauser tem que continuar a fazer experiências. Uma coisa já ele provou: a reacção favorável para a política de apresentação de novas peças. Se ele tivesse feito esta tentativa há cinco anos, quando os frequentadores de teatro eram ainda mais retraídos, a sua iniciativa podia ter fracassado. Mas estamos agora numa época de experiências, e a companhia «Oxford Playhouse» tem bem a consciência disto.

Por outro lado, Hauser já se apercebeu de quando a experiência é supérflua. Donde a presente direiteza deste seu «Sonho duma Noite de S. João», que, de facto, ele permitiu que fosse o próprio Shakespeare a produzir por si. E Shakespeare, como todos — actores e público — estão de acordo, conhece bem a sua obra. O que temos na presente apresentação do «Sonho» — que é a primeira grande peça de Shakespeare realizada pela «Oxford Playhouse» — é a expressão do Mestre, confiante na sua arte, onde se acha à vontade como um homem dentro do seu roupão ,dando um pontapé numa pantufa e pega a segurar com a ponta dos dedos», na expressiva frase de Max Beerbohm.

J. C. TREWIN

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

João Condé, director do «Jornal de Letras», conhecido autor dos «Arquivos Implacáveis», figura viva e humana da literatura brasileira, encontra-se em Portugal e passou de surpresa pelo Porto, depois de ter atravessado o «paraíso verde do nosso Minho».

Espírito arguto e observador, grande amigo de Portugal, João Condé leva da nossa paisagem e do nosso povo a melhor das impressões.

Esteve no Porto, onde passou com o seu filho, dr. António Cortesão, o dia do seu aniversário natalício, o historiador Jaime Cortesão, glória viva da nossa cultura.

Espírito aberto a todas as inovações da ciência e da consciência, Jaime Cortesão não envelhece e, apesar de ter ultrapassado os 70 anos, permanece jovem no pensar e no agir, heroico e nobre na sua estirpe de cidadão e de pensador.

Vai entrar no prelo um novo romance de José Rodrigues Migueis: «A Escola do Paraíso», ansiosamente esperado pelos seus inúmeros admiradores que vêem no grande romancista de «Páscoa Feliz» e no extraordinário novelista de «Seah» não só um dos maiores ficcionistas da nossa Literatura, mas um daqueles portugueses sempre fieis às supremas causas do Homem.

Foi publicada em Itália uma «Antologia Universal», reunindo algumas das melhores páginas actuais de várias literaturas, incluindo um capítulo do romance «A Noite e a Madrugada», do nosso Fernando Namora.

A Fundação Calouste Gulbenkian adquiriu o direito de tradução e de edição das obras do historiador inglês Sidney R. Welch, falecido no dia 2 de Setembro de 1956, em Cape Town. Como se sabe, é do maior interesse para o nosso País a notabilíssima obra deste erudito investigador que desde muito novo se dedicou ao estudo dos descobrimentos portugueses e à acção dos portugueses em África.

Segundo a escritura, na qual outorgaram, pela Fundação Gulbenkian, os seus administradores srs. dr. José de Azeredo Perdigão e Kevork Essayan, o Standard Bank of South Africa, Limited, executor da herança daquele historiador, vendeu à referida Fundação o direito de tradução e de edição, em todas as línguas, das seguintes obras da autoria de Sidney R. Welch, já publicadas em língua inglesa: «South África under King Sebastian and the Cardinal», «Portuguese Rule and Spanish Crown in South Africa» e «Portuguese and Dutch in South Africa»; e de todos os inéditos do mesmo historiador, designadamente os seguintes: «Some Unpublished Manuscripts relating to the History of South and East Africa with a Preface and Notes», «Book of notes on Mohammedanism», «Book of notes on Shakespeare and Catholicism», «Book of notes on Arab Theology», «The Nature of History» e «The Rise and Fall of International Law».

Quanto aos livros «Europe's Discovery of South Africa», «South Africa under King Mannuel» e «South Africa under King John III», o direito de tradução e de edição comprado pela Fundação exceptua a língua portuguesa, pois, nesse caso, o direito pertence ao Governo Geral de Moçambique, que há anos o adquiriu.

A Fundação Calouste Gulbenkian adquiriu também 250 exemplares de cada um dos seis livros de Sidney Welch já publicados em língua inglesa.

DIA A DIA

DA VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

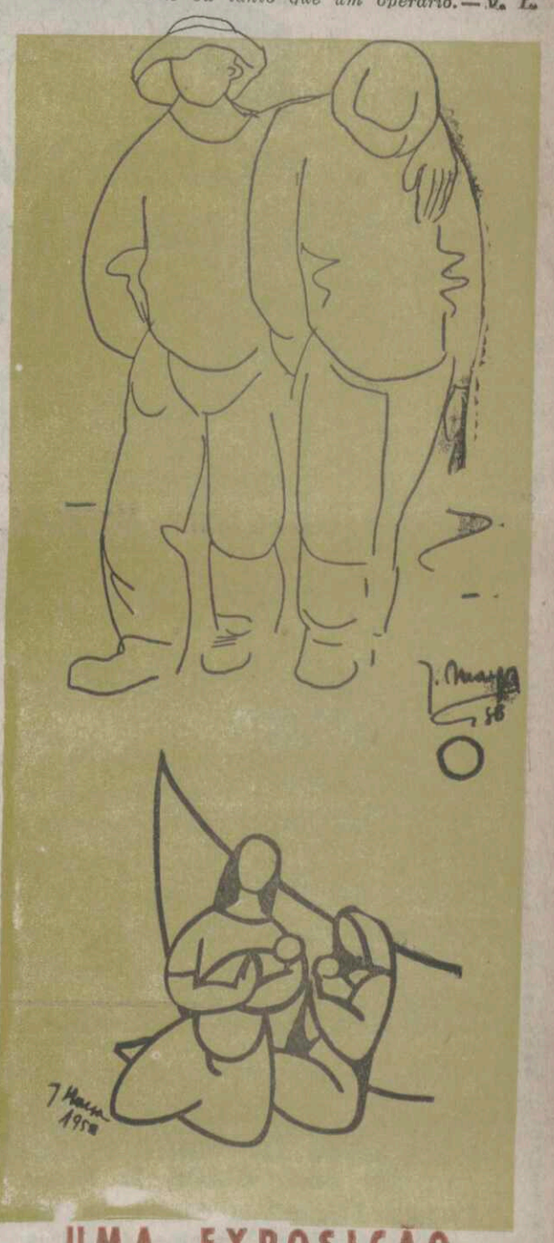
REVOLUÇÃO SINGULAR

Os desenhos que hoje, damos à estampa, são de um jovem com pouco mais de 15 anos, José Mouga, nado e criado em Viseu.

Embora sejamos avessos aos meninos prodígios e génios precoces — em regra, por razões óbvias, degenerando na esterilidade ou, pior, na cabotinice — há que meditar, porém, neste caso de verdíssimos anos e que o lugar-comum das palavras chama uma revelação singular.

Certo, em presença dos mesmos, de repente colhemos, a nosso ver, essa força, inquietação plástica e sentido humano que, não obstante a desferir os primeiros golpes e à mercê de naturais influências, identificam os artistas de raiz. Mais: abrem-nos a perspectiva de um caminho longo, seguro e fecundo.

Ao cabo, tomaram muitos artistas, soit disant, revelarem o que este moço, ainda tão verde na idade, mostra já. Daqui lhe apertamos a mão e, pela boca de Matisse, aconselhamos: Um artista deve trabalhar mais ou tanto que um operário. — V. L.



UMA EXPOSIÇÃO DE FRANCISCO RELÓGIO

O Porto atravessa um período intenso de actividade intelectual e artística.

Estamos já na hora do «Diálogo», da discussão, de embate vivo, humano e construtivo das palavras e das ideias. Colóquios, conferências, exposições.

Francisco Relógio também vai estar presente na Invicta Cidade, neste nosso velho burgo tripeiro que tanto ama o Trabalho

É já um dos nomes das nossas Artes Plásticas. Nasceu em 1926,no Baixo Alentejo. Participou nas exposições: Exposição da Jovem pintura, Galeria de Março; Exposições de Arte Moderna na Galeria Pórtico; 9.ª e 10.ª Exposições Gerais de Artes Plásticas, na S. N. B. A.; Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian; 11 pintores modernos portugueses, na Galeria Abril de Madrid; I Exposição de Arte Moderna na Casa da Imprensa; Exposição de Desenho Moderno na Casa da Imprensa; I Salão de Arte Moderna da S. N. B. A.; Exposição de desenho fantástico do Instituto Superior Técnico; Exposição de homenagem a Manuel Ribeiro de Pavia, Faculdade de Medicina de Lisboa; Exposição de Almada; Exposição com Artur Bual e António Araújo, na Galeria Pórtico; Exposições Itinerantes de Ficalho, Seia, Sacavém, Medicina, Instituto Superior Técnico, Veterinária; Casa dos Estudantes do Império, Setúbal, Cooperativa Piedense, Sacavém, Escola Prática de Infantaria, Mafra, Turismo — Mafra, Teatro Apolo — Lisboa, Teatro Maria Della Costa — S. Paulo.

A sua próxima Exposição no Porto, realiza-se na Galeria Divulgação, entre os dias 11 e 17 do corrente. — J. B.

O MUSEU DA POVOA DE VARZIM

Em 1936 fundou António dos Santos Graça, na Póvoa de Varzim, o chamado MUSEU DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA. Vinte anos depois, falecia o ilustre poveiro que tanto bens legou à sua terra e à sua gente, ficando assim por terminar a obra que teve como embrião a EXPOSIÇÃO MARÍTIMA efectuada no Monumental Casino no ano de 1936.

A Póvoa de Varzim, que teve a felicidade de ser o berço do velho leão do liberalismo, possui, como foi visto por nós, um repositório valioso daquilo que representa mais directamente o seu povo: o registo dos usos e costumes tradicionais do poveiro antepassado. Não poderemos chamar museu com propriedade literária, a um amontoado ou armazenamento de matéria etnográfica sem dúvida valiosa, mas votada a um abandono injustificado e imperdoável, dado o valor humano e regional do seu recheio. Sofre o museu — designemo-lo assim, por comodidade — de péssima instalação e de desordenada disposição nas suas valiosíssimas peças, além da decomposição que pelo tempo e falta de assistência se verifica na maior parte do que ali está exposto ao público.

A casa, alugada pelo município aos condes do Ameal, está num estado deplorável e que ajuda a deteriorar o recheio do museu. Transposta a entrada lúgubre, onde a única coisa nova é a placa de metal onde se lê MUSEU NACIONAL DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA — e não seria mais justificado, MUSEU NACIONAL ANTÓNIO DOS SANTOS GRAÇA ?, ou simplesmente MUSEU ANTÓNIO DOS SANTOS GRAÇA ? — deparamos logo com três quadros valiosos expostos no patamar à humidade e ao mau trato. Trata-se de três motivos poveiros da autoria respectivamente de Pepi Sanchez, Manchester e Júlio Resende. Estes três óleos estão precisamente no local mais impróprio para expôr, além de estarem pèssimamente servidos de moldura. Ao fundo do patamar da entrada e à esquerda, encontramos então as escadas que levam ao primeiro andar do edifício e que estão encimadas com dois bustos em madeira, dos ilustres poveiros, arqueólogo Rocha Peixoto e romancista Eça de Queirós.

A primeira sala, intitulada O MAR E A COSTA está decorada com a reprodução dos faróis e barcos salva-vidas existentes em toda a costa entre Douro e Minho. Ao centro da sala sobre uma mesa destroçada vêem-se aprestos marítimos e uma visão da construção de barcos. Nas paredes as fotografias do Cego do Maio, Patrão Sérgio e Patrão Lagoa, salientam-se. Esta sala, como todas as outras, nada tem a resguardar os objectos expostos, o que leva os visitantes curiosos ao contacto directo e a mexerem naquilo em que ninguém deve tocar — fora os encarregados e conservadores do museu.

Em seguida, há a sala DA CRENÇA DO POVEIRO. Ao centro a maqueta de São Pedro deitando as redes ao mar e ao fundo uma valiosa capela — pertença da casa — com a imagem de Nossa Senhora de Varzim, maravilhosa peça romano-gótica do século XIII. Depois é a sala dos SARGACEIROS cheia de interesse mas inestèticamente posta como todas as outras salas. Em seguida a sala DAS SIGLAS OU MARCAS com os brasões das famílias poveiras. A esta sala segue-se então, a sala DA VIDA POVEIRA, recheada de interesse tradicional e folclórico. Vê-se aí, «o luto», «a reza à saída da barra», «trajos de romaria», o «casamento» e «o serão e lar poveiro». Tudo em miniaturas maravilhosas, vestidas com rigor à forma antiga.

Segue-se a sala das «REDES E APETRECHOS» com um quadro de Lola Sanchez, absolutamente deslocado do lugar, e depois a sala da HISTÓRIA DA PÓVOA com a exposição de fotografias autênticas de antepassados e lugares poveiros, um berço de Eça de Queirós e uma liteira. Em seguida a SALA DOS TRAJOS ANTIGOS já com a vitrina de resguardo, a sala DAS DANÇAS E CANTARES com dois quadros também de Resende e Pepi Sanchez, a sala DO PRESÉPIO e a sala da CELA com os APÓSTOLOS.

Nesta altura e com o corredor decorado com redes e apetrechos vários, encerra-se, por assim dizer, o carácter marítimo do museu, para entrarmos nas salas dedicadas à lavoura. Vemos então, uma cozinha de lavoura com todos os seus apetrechos da época, a sala da vida da lavoura, reposição interessante, mas imperdoàvelmente mutilada, e por fim uma sala moderna onde estão representados alguns elementos da fauna marítima.

No rés-do-chão, termina o museu com a SALA ROCHA PEIXOTO com louças da sua colecção e a SALA DE ARQUEOLOGIA com armas, brasões, moedas e ao fundo a proa do salva-vidas do Cego do Maio.

Estava feita a visita e nós com uma mágoa grande pelo abandono a que tudo ali está votado. Custa acreditar — mas os nossos olhos são testemunhos insofismáveis — que se deixe chegar a um ponto destes uma obra carinhosamente iniciada e de interesse local inegável, além do interesse documental para as instituições escolares e para os estudiosos, que este museu oferece, pois que o podemos considerar como um dos mais completos em matéria humana dos que existem no nosso país

Santos Graça — que todo o poveiro conhece — iniciou com amor de idealista, que é o mais elevado, a busca de elementos que marcassem um momento, uma data ou um personagem, que fossem o contacto directo com o povo da sua terra.

Nos nossos dias, a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, não possui um museu mas sim um armazém de valiosíssimas peças que aguardam tràgicamente o seu restauro e a sua integração naquilo a que poderemos então chamar um museu.

Segundo nos consta há ainda mais elementos, como a velha lancha poveira de vinte e cinco homens aos remos e que aguarda pacientemente uma ampla sala onde possa ser exposta ao público.

A casa dos condes do Ameal, maravilhoso prédio para museu depois de devidamente restaurada, aguarda desta forma o passo decisivo da Câmara da Póvoa para a solução de um problema, de que só beneficiará a vila grandiosa e a própria municipalidade.

A casa necessita para já de ser encerrada ao público dado o seu estado deplorável e em seguida, ser despojada de todo o recheio para se proceder às obras de que carece. Entretanto, pessoal habilitado deve proceder ao restauro das peças do museu, para em seguida se expôr ao público, depois de uma colocação racional e estética nas novas salas do então — e só nessa altura — MUSEU NACIONAL DE ETNOGRAFIA E HISTÓRIA.

Já que se não homenageou o fundador do museu actual, dando-lhe, como seria de justiça, o seu nome, tem a Póvoa o dever de o homenagear, refazendo a obra, impedindo o seu absoluto arruinamento que é o que ele mais representa actualmente e directamente.

MÁRIO DIAS RAMOS

Dois poemas DE ANTÓNIO LOUSADA

É a hora em que oiço o teu nome !
A hora do silêncio
Em que os relógios retardam
O seu coração de bronze.

É a hora
Em que oiço o palpitar
Das folhas,
O bater das asas
Da borboleta da noite.

A hora
Em que não há por toda a terra
Senão a suspensão da própria terra.

É a hora do teu nome,
A hora em que posso murmurar
Longamente o teu nome
Como se o unisse à minha boca
Num beijo extasiado.

* * *

Deixo-me anoitecer !
Não sei que penumbra mais triste
Que noite mais funda
Há no fundo do meu ser.

Deixo que a noite venha
Coroada de astros
E de estrelas.

Que venha fria
Como um punhal
Gelar-me o sangue.
Todo o meu sangue
Até que eu veja surgir
Na noite transfigurada
A pureza da tua imagem !

COLÓQUIOS LITERÁRIOS

Poetas e funerais

Nada é inútil quando nos serve de fonte de meditação e experiência. Assim, os dois últimos colóquios sobre Camilo Pessanha e Fernando Pessoa na Associação dos Jornalistas.

Dessas duas vezes a sala da Associação, pareceu-nos um grande anfiteatro anatómico, onde aqueles dois poetas deitados na sua banca de cadáveres irremediáveis, foram dissecados até ficarem perfeitamente irreconhecíveis.

Considero estas análises saturantes, o pior serviço que se pode prestar a um poeta e à poesia. Sai-se delas com a impressão de que a poesia é o resultado de uma montagem técnica mais ou menos perfeita, quase sempre arbitrária, e nunca por nunca um fenómeno que transcenda os meros dados sociais, técnicos, estéticos e ideológicos em que está envolvida.

O ser eminentemente sagrado e perfeito que é o poema ou a obra de arte fica em perigo quando na visão das suas partes não está contida a percepção global do ser do poema, o sentimento da harmonia que se tenho do seu universo transcendente. Explicar com outras palavras — tantas vezes mais secas e pobres — o que um poeta exprimiu só à custa daquelas suas únicas e insubstituíveis palavras, com o seu ritmo próprio, a sua música, é empreender uma tarefa que se não for altamente cumprida, se transforma numa missão perfeitamente fúnebre. Assim aconteceu nos colóquios sobre Camilo Pessanha e Fernando Pessoa.

Que haver colóquios, assim ou assado, é melhor que não haver, é uma opinião que faz parte da nossa íntima fatalidade rácica, do nosso irremediável espírito de deixar ficar assim como está. Somos assim mais ou menos em tudo. Somos uns incorrigíveis signatários de vários fados, a começar pelo da guitarra...

Por mim acho que colóquios assim só servem para demonstrar, que entre a criação poética e um receituário de cozinha, há apenas uma diferença de materiais a utilizar.

Parte-se mais ou menos da ideia de os poetas serem seres socialmente frustrados, dando assim razão, directamente ou indirectamente, à sociedade. Por outro lado, culpa-se a sociedade, a história, o poeta, o mundo todo, e pouco mais há a fazer que esperar com uma corda no pescoço, que tudo se conquiste. Entra-se a seguir na análise funcional do poema, escalpelizam-se tempos verbais, os modos de silabação, os adjectivos, substantivos, metáforas, imagens, e do mundo do poeta fica apenas a certidão de óbito, ao lado da banca de operações...

Quanto a mim, prefiro o mistério. Subscrevo-me humildemente na lista dos ignorantes dessas coisas, e dispenso as muralhas, que embora defendendo-me de mil incómodos, me possibilitam um encontro com o grande ser das coisas que se manifestam para além delas.

Quem lavra inteligentemente a terra, é aquele que, instruindo as leis da Natureza, as incorpora e alegremente as segue. Ao que se nega obedecer-lhe, sobrevém a pobreza e destruição. O interior da arte tem a imensidão do da Natureza. Reduzir a um quintal um grande continente, é pobre como tudo e incomoda como nunca.

Sim, ensinar exige um esquema, e o esquema é pobre. Mas ao menos que se contenha nele — no esquema e no ensino — a sugestão da grandeza das coisas que raramente nos visitam.

A continuar assim, não admira que dentro em pouco, as pessoas entrem nestes colóquios de gramática debaixo do braço, atarefados na divisão das orações, sua classificação e outras operações mais, que fizeram dos Lusíadas uma das obras mais detestadas da nossa literatura.

Eu sei que há muita gente que já sabe tudo, mas eu prefiro-me discípulo humilíssimo de Sócrates, e festejar nas coisas o seu vastíssimo e milenário destino. Prefiro amar a grandes e hipotéticas explicações científicas da construção do mundo, ignorando-as, a ter que gravitar no tédio depois de as conhecer, como aconteceu àquele ouvinte do campo de que fala Unamuno, que depois de lhes ser explicado por um conferencista, de que modo a ciência chegou a certas conclusões sobre determinados fenómenos, eles ficaram com um profundo desprezo pela ciência

É possível que o mal fosse do conferencista, mas o que Unamuno pretende é chamar a atenção para o poder de sedução do mistério, como valioso agente de remoção das profundíssimas zonas do ser irremediàvelmente cósmico que é o Homem. Mistério quer dizer: Que admirável é o nosso mundo que não se esgota nunca em nenhum ser, e que nenhum ser o esgota !

A poesia não se destina a escavações sociológicas, psicológicas, filológicas, psicanalistas, ou outras. Não lhe cabe esse destino rigoroso e parcelar, mas um outro mais alto e mais puro e mais livre. Quem lho negar, nega ao homem a comovente possibilidade de pela Arte se sentir mais livre, mais compreendido, mais valioso e significativo.

A «Retórica» e a «Poética» de Aristóteles — dois livres padrões do método de investigação literária — foram despojadas da sua alta dignidade e reduzidas a um esqueleto de grande aparato técnico

Tenho a maior consideração pessoal por algumas das principais pessoas que intervêm nestes colóquios, e louvo neles a grande honestidade intelectual e probidade de óptimos cidadãos, mas o que creio é que se está a passar tudo do avesso.

Fecho deixando à meditação estas sábias palavras do poeta T. S. Elliot: «Pessoas incapazes de explicar a sua afeição por um poema, têm, às vezes, uma sensibilidade profunda e discriminadora que outras a quem nada custa falar copiosamente sobre ele, recordemos que a poesia não se escreve pura e simplesmente para servir de tema a conversações».

EDUARDO FONSECA

UM ONTEM CÃO

Até para demonstrar o estado lamentável em que se encontra uma parte da nossa *juventude* — felizmente uma minoria, julgámo-lo — publicamos hoje, sem mais comentários, por serem supérfluos, uma *carta* vinda da capital, que pretende ofender e insultar o responsável ou os responsáveis pela publicação neste nosso *«Suplemento»* — do dia 23 de Abril último — do *lindíssimo poema «Um ontem cão»*, cuja leitura causou o maior gáudio entre os nossos leitores.

«Lisboa 3 de Maio de 1959

Ex.mo Sr.:

Em rodapé de 23 de Abril p. p.º foi lida, por todos os portugueses não invisuais, uma caldeirada crítica da autoria, e da desvergonha, de alguém de conivência, e em conluio, com o director da página de Artes e Letras desse jornal, cujo presumo, infeliz e lamentàvelmente, ser V. Ex.ª Entre desconchavos de toda a calanha, oriundos duma matriz a todos os títulos pestilenta, agressiva, anti-humana, anti-poética, anti-Vida, chegava-se ao local onde a porca deve ter torcido o rabo. E que se dizia !

Chamava-se a POLÍCIA !

A Polícia, ou o Enfermeiro !

Senhor Ramos de Almeida: temos anos e anos de uma grave, digamos, polícia. E sinceramente, não é lá por o senhor Almeida a chamar, que ela aparece mais depressa.

Quanto ao Enfermeiro, suponho ter dele, e da maca, mais necessidade, o articulista em questão. Que miséria de espírito, senhor Ramos ! Que falta de pudor.

Senhor !

Mas então V. Ex.ª julga que, apesar da primavera ser difícil, a juventude que pensa, que escreve e que, com não pouca dificuldade, subsiste no plano da cultura, digamos, portuguesa, ignora o passado de V. Ex.ª ??

Ó Senhor Doutor ! Que diabo !

«Barbeie-se com ódio; a barba ajuda !»

(MÁRIO CESARINY DE VASCONCELLOS)

Pela cópia, um que não achou nada bem:

JOSÉ CARLOS GONZALEZ».